



CHIARA
LUBICH
1920
2020

NOTICIÁRIO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

NOVEMBRO - DECEMBRO

É Natal!

As vitrines das lojas estão decoradas para a festa, com bolas douradas, pequenas árvores de Natal, lindos presentes. À noite, as ruas brilham com estrelas cadentes ou cometas. As árvores, nas calçadas, têm os ramos cobertos de luzinhas vermelhas, azuis ou brancas, criando nas ruas uma atmosfera mágica...

Percebe-se a expectativa. Todos estão envolvidos...

Natal não é apenas uma recordação tradicional: o nascimento daquele menino há 2005 anos... Natal é algo vivo! E não só nas igrejas, com os seus presépios, mas também entre as pessoas, devido ao clima de alegria, de amizade, de bondade que todo ano ele cria.

Mesmo assim, ainda hoje, o mundo é assolado por enormes problemas: a pobreza e a fome, o terremoto no Paquistão, dezenas de guerras, o terrorismo, o ódio entre etnias, mas também entre grupos e entre pessoas...

É necessário o Amor. É preciso que Jesus volte com potência.

O Menino Jesus é sempre a imensa dádiva do Pai à humanidade, embora nem todos o reconheçam.

Devemos oferecer também por eles o nosso agradecimento ao Pai. Temos que festejar o Natal e renovar a nossa fé no pequeno menino-Deus, que veio para nos salvar, para criar uma nova família de irmãos unidos pelo amor; uma família que se estende sobre toda a Terra.

Olhemos ao nosso redor... Que este amor seja dirigido a todos, mas, de modo especial, a quem sofre, aos mais necessitados, aos que estão sós, aos que são excluídos, pequenos e aos doentes... Que a comunhão com eles de

Caros leitores,

O Natal de 2020 será muito particular, marcado no mundo inteiro pela pandemia da Covid-19 que, por sua vez, evidenciou tantos outros problemas e emergências da humanidade: carências, conflitos, desigualdades...

Mas, talvez como nunca antes, essas circunstâncias nos fazem também perceber o que significou o fato de que o filho de



afeto e de bens faça resplandecer uma família de verdadeiros irmãos que festejam juntos o Natal e que vai mais além.

Quem poderá resistir à potência do amor?

À luz do Natal, façamos alguma coisa, suscitemos ações concretas. Serão remédios para os males. Eles podem parecer pequenos, mas se forem utilizados em vasta escala, poderão ser uma luz e uma solução para os graves problemas do mundo. **Feliz Natal a todos!**

Chiara Lubich

Collegamento CH - Dezembro de 2005

Deus quis assumir a nossa condição humana, com todos os limites que ela implica. Em Jesus Menino, Deus se expôs sem reservas aos riscos da nossa vida, às nossas doenças e perigos.

Isso nos torna humildes e profundamente gratos e nos encoraja a também nos arriscarmos a nos dedicar um pelo outro, sem reservas.

Joachim Schwind

Departamento de Comunicação dos Focolares



Quatro presentes para o Natal

Deus não se deixa vencer em generosidade e nos surpreende com a sua providência. O depoimento de Urs, da Suíça: de um gesto, feito por amor, podem surgir muitos efeitos positivos.

Fui convidado a passar a noite de Natal com os meus dois irmãos e suas esposas. Queria dar um presente a cada um, mas dinheiro eu não tinha. Então coloquei o meu desejo nas mãos de Deus.

Alguns dias depois, o nosso amigo Peter, pastor da Igreja Reformada, nos convidou para ir à sua comunidade paroquial fazer velas com a cera das abelhas. Aqui isso é uma tradição em muitos lugares, mas eu nunca tinha levado à sério. Junto com os outros eu comecei a fazer a minha vela, e vi que era muito bonita. Lembrei que a esposa do meu irmão mais novo é apaixonada por velas. O primeiro presente estava pronto!

De vez em quando vou dar uma ajuda na pequena empresa de alguns amigos, principalmente quando devem fazer grandes entregas e estão sob pressão. Na última vez, cerca de duas semanas atrás, num momento de pausa eu vi, no depósito, no meio das coisas que eles vendem, uma linda caixa cheia de bloquinhos de anotação: agendas telefônicas, organizador de agendas, etc., eram muito bonitos. Perguntei o preço, mas estava fora das minhas possibilidades. E continuei a preparar a minha entrega. Foi um dia intenso de trabalho. No final eu estava cansado, mas feliz por ter dado uma mão. Quando já estava saindo o encarregado me deu um pacote, agradecendo pela minha ajuda durante o ano. Abri o presente e quase caíram as lágrimas: era a caixa

com aqueles bloquinhos. O presente para o meu irmão mais velho estava pronto!

Poucos dias atrás um amigo me entregou um envelope com dinheiro: “É para você – disse –, para algo que precise”. Como era justamente o dia do bazar de Natal da nossa cidade eu fui até lá, mas os preços me pareceram exagerados. Antes de ir embora, descobri a barraca de um agricultor que produzia vinagre biológico enriquecido com gengibre, justamente como agrada à esposa do meu irmão mais velho. Estava embalado numa linda garrafinha e o dinheiro que eu tinha recebido era exatamente o suficiente para comprá-lo. Um outro pequeno presente pronto!

Quando voltei para casa, um amigo me disse que tinha recebido uma pasta para documentos, de couro, que ele não precisava porque já tinha uma, e perguntou se serviria para mim. Então pensei no meu irmão menor, poderia ser útil para ele, já que se ocupa de consultorias e orçamentos. Eu soube depois que, alguns dias antes, a sua tinha se rompido, por isso o meu presente chegou no momento certo!

Afinal, os presentes estavam prontos. Eu acrescentei uma carta pessoal para cada um, dizendo-lhes o que representam para mim. Foi lindo, eles ficaram muito felizes!

Pensei que teria ido à festa de Natal de mãos vazias, mas Alguém havia pensado em me dar um presente para cada um.

*Recolhido por Gustavo E. Clariá
8 Dezembro 2020*



Covid, um mal comum para redescobrir o bem comum

O economista Luigino Bruni, um dos especialistas chamados pelo papa Francisco para fazer parte da Comissão vaticana COVID-19, tem certeza de que a lição da pandemia ajudará a redescobrir a verdade profunda conectada à expressão “bem comum”.

Saúde, educação, segurança são os alicerces de qualquer nação e por isso não podem entrar no jogo dos lucros. O economista Luigino Bruni, um dos especialistas chamados pelo papa Francisco para fazer parte da Comissão vaticana COVID-19 (Projeto “COVID-19 Construir um Futuro Melhor”, criado em colaboração com o Dicastério para a Comunicação e o Desenvolvimento Humano Integral), tem certeza de que a lição da pandemia ajudará a redescobrir a verdade profunda conectada à expressão “bem comum”. Porque, sustenta, tudo é fundamentalmente bem comum: a política em seu sentido maior, a economia que olha para o homem antes do lucro. E neste novo paradigma global que pode nascer no pós-COVID, a Igreja, afirma, deve ser “fiadora” desse patrimônio coletivo, já que está extrínseca à lógica do mercado. A esperança, para Bruni, é que essa experiência condicionada por um vírus sem fronteiras não nos deixe esquecer “a importância da cooperação humana e da solidariedade global”.

O senhor faz parte da Comissão vaticana COVID-19, o mecanismo de resposta instituído pelo papa Francisco para enfrentar uma pandemia sem precedentes. Pessoalmente, o que espera aprender com essa experiência? De que modo a sociedade, com suas complexidades, poderá se inspirar no trabalho da Comissão?

A coisa mais importante que aprendi com essa experiência é a importância do princípio de precaução e do bem comum. O princípio de precaução, pilar da Doutrina da Igreja, a grande ausência na fase inicial

da epidemia, nos diz algo extremamente importante: o princípio de precaução é vivido de modo obsessivo a nível individual (basta pensar nos seguros que estão invadindo o mundo), mas está totalmente ausente a nível coletivo, o que torna as sociedades do século 21 extremamente vulneráveis. É por isso que os países que adotaram o Estado de bem-estar social se mostraram muito mais fortes do que aqueles administrados totalmente pelo mercado. E o bem comum: como um mal comum nos revelou o que é um bem comum, a pandemia nos fez ver que com os bens comuns é necessário ter a comunidade e não só o mercado. A saúde, a segurança, a educação não podem ser deixadas à mercê dos lucros.

O papa Francisco pediu à Comissão COVID-19 para preparar o futuro ao invés de preparar-se para o futuro. Neste desafio, qual deveria ser o papel da Igreja católica como instituição?

A Igreja católica é uma das pouquíssimas (se não a única) instituição que garante e protege o bem comum global. Não havendo interesses privados, pode perseguir o interesse de todos. Por isso é muito escutada hoje, por essa mesma razão tem uma responsabilidade de agir em escala mundial.

Quais ensinamentos pessoais (se houver) o senhor tirou da experiência desta pandemia? Quais mudanças concretas o senhor espera ver depois desta crise, seja do ponto de vista pessoal ou global?

O primeiro ensinamento é o valor dos bens relacionais: não podendo nos abraçar nesses meses, redescobri o valor de um abraço e de um encontro. O segundo: podemos e devemos fazer muitas reuniões online, adotar o home office e horários flexíveis, mas para as decisões importantes e para os encontros decisivos, o online não basta, precisamos do encontro físico. Portanto, a explosão do virtual está nos fazendo descobrir a importância dos encontros em carne e

osso e da inteligência dos corpos. Espero que não esqueçamos as lições desses meses (porque o homem esquece muito rápido), em particular a importância da política como a redescobrimos nesses meses (como a arte do bem comum contra os males comuns), e que não nos esqueçamos da importância da cooperação humana e da solidariedade global.

Preparar o mundo pós-COVID significa também preparar as gerações futuras, aquelas que amanhã serão chamadas a decidir, a traçar novos caminhos. A educação, nesse sentido, não é só uma “despesa” a ser repensada, inclusive nos tempos de crise?

A educação, sobretudo a das crianças e dos jovens, é muito mais do que uma “despesa”... é o investimento coletivo com a taxa mais alta de rendimento social. Espero que quando as escolas reabrirem, nos países onde ainda estão fechadas, seja um dia de festa nacional. A democracia começa nos bancos da escola e ali renasce em cada geração. O primeiro patrimônio (patres munus) que passamos entre as gerações é aquele da educação.

Dezenas de milhões de meninos e meninas no mundo não têm acesso à educação. Pode-se ignorar o artigo 26 da Declaração dos Direitos Humanos que garante o direito à educação a todos, gratuita e obrigatória, pelo menos nos graus elementares e fundamentais?

Claramente não deveria ser ignorado, mas não podemos pedir que o custo da escola seja sustentado inteiramente por países que não têm recursos suficientes. Deveríamos dar vida logo a uma nova cooperação internacional com o slogan: “a escola para crianças e adolescentes é um bem comum global”, em que os países com mais recursos ajudem os que têm menos a tornar real o direito ao estudo gratuito. Essa pandemia está nos mostrando que o mundo é uma grande comunidade, devemos transformar esse mal comum em novos bens comuns globais.

Também nos países ricos, o gasto com a educação sofreu cortes, às vezes gigantes. Pode haver um interesse em não investir nas gerações futuras?

Se a lógica econômica tiver a vantagem, aumentarão os pensamentos do tipo: “por que devo fazer algo pelas futuras gerações, o que elas fizeram por mim?”. Se o quid pro quo, o comportamento comercial, se tornar a nova lógica das nações, investiremos sempre menos nas escolas, faremos sempre mais dívidas que as crianças de hoje pagarão. Devemos ser generosos, cultivar virtudes não-econômicas como a compaixão, a gentileza, a generosidade.



A Igreja católica está na linha de frente para oferecer educação aos mais pobres. Mesmo em condições de grande dificuldade econômica, porque como vemos neste período de pandemia, o lockdown teve um impacto considerável nas escolas católicas. Mas a igreja está aqui e acolhe todos, sem distinção de fé, abrindo espaços de encontro e diálogo. O quanto é importante esse último aspecto?

A Igreja sempre foi uma instituição do bem comum. A parábola de Lucas não diz qual era a fé do homem meio morto socorrido pelo samaritano. É justamente durante as grandes crises que ela recupera a sua vocação de “Mater et magistra”, que aumenta a estima dos não-cristãos pela Igreja, que volta a ser aquele mar que acolhe a todos para doar tudo a todos, principalmente aos mais pobres, porque a Igreja sempre soube que o indicador de todo bem comum é a condição dos mais pobres.

Quais resultados pode trazer o ensino da religião, das religiões, em um mundo sempre mais tentado a se dividir, e que favorece o entretenimento do medo e da tensão?

Depende de como se ensina. A dimensão ética presente em toda religião não é o suficiente. O grande ensinamento que as religiões podem dar hoje tem a ver com a vida interior e a espiritualidade, porque a nossa geração, no intervalo de poucas décadas, gastou um patrimônio milenar construído de sabedoria antiga e de piedade popular. As religiões devem ajudar os jovens e a todos a reescrever uma nova gramática da vida interior, e se não o fizerem, a depressão será a peste do século 21.

*Fonte: Vatican News
7 Novembro 2020*



#daretocare no Vietnam: **trabalhar juntos pela fraternidade universal**

O compromisso dos jovens do Movimento dos Focolares de Ho Chi Minh City, no Vietnã, pelas pessoas em dificuldades: assumir suas necessidades com a distribuição de 300 cestas básicas para as famílias e 370 brinquedos para as crianças.

No mês de julho de 2020, alguns Gen 2, jovens dos Focolares, de Ho Chi Minh City, no Vietnã, quiseram fazer algo concreto pela operação #daretocare – #ousarcuidar, a campanha dos jovens dos Focolares para “carregar o peso” das nossas sociedades e do planeta -, ajudando as pessoas da comunidade que passavam dificuldades. Decidiram compartilhar o seu amor no bairro de Cu M’gar, na província de Dak Lak. É um lugar onde existe a maior área de plantio de café e o povo é proveniente de outra etnia. Cerca de oito horas de viagem de Ho Chi Minh City.

“Começamos a confeccionar e vender fruta, iogurte e batata-doce online. Fizemos coleta de roupas usadas para crianças e adultos, recebemos algumas doações, e quando terminaram as restrições pelo Covid 19 pudemos vender essas coisas na paróquia, como uma “arrecadação de fundos”. Durante a preparação, o grande desafio para nós foi tomar as decisões juntos, não faltaram mal entendidos e desacordos. Mas, sabendo que 300 famílias nos esperavam, continuamos em frente, com amor, paciência e um pouco de sacrifício.

Nos dias 17 e 18 de outubro, com 30 jovens cheios de energia e entusiasmo, fizemos uma viagem muito significativa. Distribuimos 300 cestas básicas para as famílias e 370 pequenos presentes para as crianças. Durante a viagem percebemos o quanto somos



afortunados e felizes diante da situação que vivem essas famílias. Compartilhamos as coisas que levamos para demonstrar a eles o nosso amor, mas no final recebemos mais AMOR por meio dos seus sorrisos... na verdade, cada vez que nos aproximávamos deles parecia que nos conhecíamos há muito tempo.

Alguns jovens do Movimento levaram seus amigos nessa viagem. Estávamos juntos, de várias partes do Vietnã. Havia muita alegria por nos conhecermos, rir e fazer algo concreto todos juntos, como irmãos e irmãs, sem distinções.

Obrigado pelo projeto #daretocare, uma ótima desculpa para trabalhar juntos e construir a fraternidade entre todos nós”.

*Os Gen e jovens do Movimento
dos Focolares no Vietnã
11 novembro 2020*



A educação, uma questão de amor

O “*Global Compact on Education*”, promovido pelo papa Francisco, convida todas as pessoas a aderir a um pacto. Conversamos com Silvia Cataldi, socióloga, docente na Universidade La Sapienza, em Roma.

Os protagonistas são eles, depositários da esperança por um mundo mais justo, solidário, de paz. O “*Global Compact on Education*”, promovido pelo papa Francisco, vê os jovens como destinatários dos percursos educativos e agentes dos mesmos. Envolvidos juntamente com suas “famílias, comunidades, escolas e universidades, instituições, religiões, governantes” em uma “aliança educativa” por uma humanidade mais fraterna e em paz. Falou-se disso durante o encontro “*Insieme per guardare oltre*” (Juntos para olhar além) que ocorreu na Pontifícia Universidade Lateranense (Roma, Itália) no dia 15 de outubro, durante o qual o Santo Padre, em uma mensagem por vídeo, exortou todas as pessoas de boa vontade a aderir ao pacto. Silvia Cataldi, socióloga, docente na Universidade La Sapienza, em Roma, estava presente para comentar as palavras do papa.

Nos últimos anos, registramos um forte protagonismo dos jovens nos grandes temas atuais. Parece obsoleto o modelo educativo que os vê como sujeitos passivos...

“Muitas vezes, o limite dos modelos educativos é aquele de entender mal a cultura como conhecimento superficial. O pedagogo Paulo Freire fala de “educação depositária”, em que o saber pode ser derramado ou depositado como em um recipiente. No entanto, esse saber tem dois riscos: o de permanecer abstrato e desassociado da vida, e aquele de pressupor uma visão hierárquica do saber. Com relação a isso, o pacto me toca como educadora, porque nos convida a escutar o grito das gerações jovens, a permitir que eles façam os questionamentos. Devemos perceber que a educação é um percurso participativo, não unidirecional.”

Portanto, o que significa educar? “O termo cultura vem de colere e significa cultivar. É, portanto, um verbo contínuo, é preciso estar lá, dedicar tempo e espaço, partir das perguntas e não do fornecer as respostas. Mas também tem o significado de cuidar, amar. Por isso o pacto me toca quando diz com força que ‘a educação é sobretudo uma questão de amor’. Quando se fala de amor, se pensa no coração, no sentimento. Mas o amor tem uma dimensão eminentemente prática, requer mãos. Então nós, educadores, fazemos nosso trabalho só se sabemos reconhecer que a educação é cuidado. O cuidado cotidiano é um gesto revolucionário porque é um elemento de crítica e de transformação do mundo. Hannah Arendt o explica bem quando diz que ‘A educação é o momento que decide se amamos o suficiente o mundo porque nos leva a transformá-lo.’”

Como fazer com que o pacto não seja um simples apelo? “O convite à fraternidade universal – o coração do pacto – tem implicações importantes, mas porque tem realmente um poder transformador deve promover uma mudança de perspectiva que leva a acolher a diversidade e curar as desigualdades. O sociólogo francês Alain Caillé diz que a ‘fraternidade é plural’, e isso significa que, se no passado a fraternidade existia só entre os iguais, de mesmo sangue, em uma classe ou em um grupo, hoje é preciso reconhecer ‘a especificidade, a beleza, a individualidade’ de cada um. Além disso, se somos todos irmãos, então nosso modo de conceber a realidade muda, porque a olhamos de uma perspectiva específica, que é aquela dos últimos e somos impulsionados a agir, por exemplo, para tutelar os direitos fundamentais das crianças, das mulheres, dos idosos, das pessoas com deficiência e dos oprimidos.”

Claudia Di Lorenzi
13 novembrO 2020



Sherin Helmi: o ecumenismo na vida cotidiana

A experiência de Sherin, focolarina copta ortodoxa que todo dia experimenta que a unidade entre cristãos de Igrejas diferentes é possível.

A Igreja de amanhã seguirá “o exemplo da Santíssima Trindade, onde haverá a unidade numa única verdade e a variedade de todas as tradições; serão aspectos diferentes de uma única verdade”. Assim disse Chiara Lubich ao falar do caminho ecumênico rumo à unidade das Igrejas cristãs, num trecho do livro *Uma espiritualidade para a unidade dos cristãos*. Pensamentos escolhidos, editado por Cidade Nova. E Sherin Helmi, focolarina copta ortodoxa que mora no Cairo (Egito), concorda, aliás, sustenta que é possível experimentar a unidade entre cristãos de diferentes igrejas todo dia.

O que tocou você, na espiritualidade da unidade, quando conheceu Chiara e o Movimento dos Focolares?

“Descobri que o Evangelho vivido por um povo que tem um estilo de vida, uma língua e uma cultura nova, é fermento para uma humanidade nova. Que a fraternidade universal e a nossa vida não são compartimentos separados. Que é possível viver a fé 24 horas por dia e deixar-nos transformar por Jesus, para ser outro Ele, para que Ele mesmo viva entre o seu povo, segundo a promessa do Evangelho”.

Você pertence à Igreja Copta Ortodoxa. Fazer parte do Movimento dos Focolares, que nasceu de uma mulher católica e que é prevalentemente católico, levou você a um distanciamento da sua Igreja?

“Certamente não! Mas, talvez Deus nos prepare. Eu fui educada numa escola de freiras católicas, onde existia respeito e amor e eu não percebia nenhum conflito pelo fato de pertencer a outra Igreja. Fazendo parte do Movimento esta experiência se aprofundou e o meu coração abriu-se à toda a Igreja. Eu desejei inclusive conhecer mais em profundidade a Igreja Copta, para buscar a semelhança com a vida do Focolare, e descobri, por exemplo, que Santo Antônio, o Grande, convida

todos os cristãos, enquanto irmãos, a “tornar-se uma só alma, com uma só vontade e uma única fé”. Com o passar do tempo eu quis me comprometer em viver pela unidade da família humana. Sentia uma grande gratidão por Chiara”.

O seu dia a dia é vivido junto com focolarinas católicas. O que significa construir a unidade com elas?

“Significa não ter medo de enfrentar as diferenças, que são uma oportunidade para amar, acreditando que isso constrói a unidade e nos leva a experimentar a presença de Jesus entre nós. Isso vale também com pessoas de etnias, condições sociais, convicções políticas diferentes: se pensamos que somos todos filhos de Deus Pai, então o outro é um irmão a ser amado”.

Para o Papa Copta Ortodoxo, Sua Santidade Tawadros II, o caminho de comunhão entre as Igrejas tem o seu cerne em Cristo. E os “caminhos” que conduzem a Ele são diálogo, estudo, oração, relação. O que significa, concretamente, buscar a unidade nestes campos?

“No Movimento, o diálogo ecumênico é compreendido como “diálogo da vida”: buscamos amar-nos reciprocamente na vida cotidiana, como Jesus fez. Depois, por meio do diálogo nos confrontamos sobre temas de fé, procurando aquilo que nos une. A Igreja Copta Ortodoxa dá uma grande importância à oração e ao jejum, então rezamos juntos, porque a unidade é um presente que somente Deus dá, e praticamos o jejum para que a alma transcenda o nível da matéria e se aproxime espiritualmente de Deus. Além disso, no Movimento existe um grupo de estudiosos que, em conjunto, aprofundam muitos assuntos, cada um segundo a perspectiva da própria Igreja. Fazem isso com uma atitude de amor mútuo, escuta, acolhida e respeito. E rezam para chegar a compreender qual é o olhar de Deus sobre as coisas”.

Claudia Di Lorenzi

3 novembro 2020



O grande testemunho que a pandemia chama-nos a oferecer à humanidade

Nestes meses, a comunhão de bens desenvolveu-se ainda nas comunidades dos Focolares no mundo, respondendo a tantos pedidos de ajuda.

LA comunhão de bens extraordinária para a emergência Covid-19 faz-nos experimentar mais uma vez a realidade de “ser sempre família”, que não conhece fronteiras ou diferenças, mas faz emergir a fraternidade universal, como sustenta o Papa Francisco através da última encíclica “Todos Irmãos”.

Esta comunhão realiza-se por meio de verdadeiros laços ou atos de amor e lembra a experiência dos primeiros cristãos: eles, conscientes de terem formado um só coração e uma só alma, colocam todos os seus bens em comum, testemunhando o amor superabundante de Deus e trazendo esperança.

Nestes meses de pandemia, a comunhão de bens desenvolveu-se ainda mais entre as diversas comunidades do Movimento dos Focolares em todo o mundo, respondendo a tantos pedidos de ajuda.

Na Ásia, em Taiwan e no Japão, uma Gen, jovem do Movimento dos Focolares, iniciou uma campanha de arrecadação de fundos para ajudar a comunidade na cidade de Torreón, México.

Ròisin, uma Gen de Taiwan, tendo tomado conhecimento da experiência dos Gen mexicanos em ajudar as famílias pobres afetadas pelo vírus, sentiu imediatamente a necessidade de agir. Junto com as outras Gen de sua cidade, lançou um apelo a toda a comunidade do Focolare em Taiwan, que imediatamente aderiu à iniciativa, angariando fundos para amigos no México. Depois, também as e os Gen do Japão aderiram à iniciativa.

Na Tanzânia, entretanto, uma das famílias da comunidade estava sem luz porque a bateria do pequeno sistema solar estava esgotada. “Algum tempo antes – escrevem da comunidade local – um de nós havia recebido 50 euros, cerca de 120.000 shellini tanzanianos, para doar a alguma família em dificuldade. Falamos sobre isso juntos e chegamos à conclusão de dar essa soma que cobria cerca de 60% do custo. A família foi capaz de comprar a nova bateria e colocar a luz de volta na casa. Após alguns dias, chegou uma doação de 1.000.000.000 de shellini tanzanianos para as necessidades do Focolare: quase 10 vezes mais...cem vezes!!!”.



A comunidade de Portugal, após uma atualização sobre a situação global do Centro Internacional dos Focolares, decidiu ampliar o horizonte para além de suas fronteiras. “A soma que coletamos até agora – escrevem – é o resultado de pequenas renúncias, bem como de somas imprevistas que não esperávamos receber. Vemos que a consciência da comunhão cresce na vida cotidiana de cada um de nós: juntos podemos tentar superar não só estes obstáculos causados pela pandemia, mas que ela se torne um modo de vida”. No Equador, J.V. tem conseguido envolver muitas

peças na cultura da partilha. Tudo nasceu de “um telefonema para um colega para ter notícias suas – diz ele – e compartilhar suas preocupações com sua família e as pessoas de sua aldeia que estão sem comida”. Ele abriu uma página no facebook e enviou e-mails para divulgar a situação precária desta aldeia. Assim iniciou-se uma grande generosidade não só dos habitantes de seu bairro, mas também de outros lugares. Os amigos e familiares deste colega podem agora comprar alimentos e ajudar até mesmo as pessoas mais pobres.

No Egito tudo está fechado por causa do lockdown, mesmo o trabalho da fundação “Mundo Unido” que, através de projetos de desenvolvimento em favor de pessoas que vivem situações de fragilidade social, transmite a cultura da “fraternidade universal”. “O que podemos fazer e onde podemos ajudar?”, perguntaram-se. E assim, apesar do lockdown e “através das comunidades de várias igrejas, mesquitas e outras organizações sociais, conseguimos expandir

o grupo de pessoas para ajudar: famílias dos bairros mais pobres do Cairo, viúvas, órfãos, pessoas sozinhas e idosos, refugiados da Etiópia, Eritreia, Norte e Sul do Sudão”. Hoje somos capazes de preparar 700 embalagens de alimentos básicos. Nossa meta é chegar a 1.000 pacotes”.

Na República Democrática do Congo, os Gen de Kinshasa iniciaram uma comunhão de bens, criando um fundo para ajudar os mais necessitados. Desse modo, nove famílias receberam sabão, açúcar, arroz e máscaras.

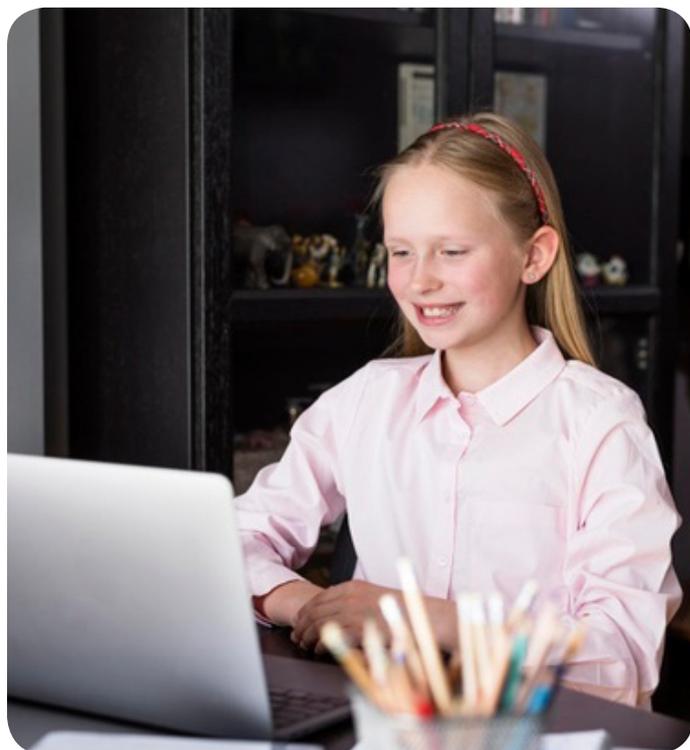
Estes testemunhos foram muito além da ajuda financeira: como diz Ròisin, de Taiwan, “mesmo os tempos mais sombrios podem ser iluminados pelo amor e pela solidariedade, e mesmo se isolados uns dos outros, estamos mais próximos de alcançar um mundo unido”.

Lorenzo Russo
5 novembro 2020

Evangelho vivido: **companheiros de viagem**

A arte de ensinar

Durante a pandemia eu também, como os outros colegas, dei as minhas aulas através dos meios digitais. No início havia a novidade e, portanto, uma certa participação da parte dos adolescentes, mas com o passar do tempo, alguns “sabidinhos” encontraram o modo de fazer outras coisas, se desinteressando lentamente das aulas. Nesta variedade de respostas ao meu esforço por eles, procurei não mostrar preferências ou aprovações, mas sempre pôr a ênfase na responsabilidade pessoal que naquele tempo de crise resultava certamente mais difícil. Porém, o verdadeiro dilema foi no momento de fazer uma avaliação, mesmo porque eu via claramente como as tarefas escritas que me mandavam não apresentavam muita originalidade, para não dizer que eram copiadas. Um dia perguntei aos próprios alunos como e o que teriam feito no meu lugar. Foi a ocasião para uma sincera análise da própria participação ou não participação. E – isto me comoveu – foram eles mesmos que fizeram a própria crítica. Talvez uma lição de vida assim, eu nunca tinha vivido.
(G.P. – Eslovênia)



(tirado de Il Vangelo del Giorno, Città Nuova, ano VI, n.5, setembro-outubro de 2020) 29 outubro 2020



Há 50 anos testemunhas e construtores de paz

Nos 50 anos do Religions for Peace, vamos fazer um resumo do caminho feito até aqui e saber as perspectivas futuras com Azza Karram, eleita secretária-geral.

Azza Karram foi eleita secretária-geral do Religions for Peace em agosto de 2019. De origem egípcia, cidadã holandesa, docente de estudos religiosos e diplomacia, ex-funcionária da ONU, alma da dimensão universal, dirige hoje um movimento ao qual aderem mais de 900 líderes religiosos de 90 países comprometidos com ela em fazer da paz um lugar de encontro e um caminho a ser percorrido comunitariamente. Religions for Peace, de 16 a 21 de agosto de 1970, abria sua primeira assembleia. Quem a conduziu foi Nikkyo Niwano, japonês e fundador da Rissho Koseikai, um espírito de grande visão. Nos anos 90, ele envolveu também Chiara Lubich nessa assembleia mundial: encontrou nela uma consonância espiritual e pragmática única. Neste ano, Religions for Peace comemora seus 50 anos. Encontramos Azza Karram em Nova York para lhe pedir uma análise do caminho feito e as perspectivas para o futuro.

Depois de 50 anos da fundação de Religions for Peace, qual missão e qual mensagem o movimento continua a dar?

Depois de 50 anos de vida, o nosso testemunho é de que é inevitável para as religiões trabalhar juntas, além das diferenças institucionais, geográficas ou de doutrina. Essa é a mensagem que passamos mesmo se ainda não a executamos perfeitamente, porque sabemos que é um processo de aprendizagem constante e que também tem o esforço de trabalhar juntos. A Covid colocou ainda mais em evidência a necessidade de um trabalho comum. As comunidades religiosas ou as ONGs inspiradas por valores religiosos estão

sobrevivendo porque foram as primeiras a responder a essa crise humanitária. É verdade que as instituições sanitárias também intervieram, mas não teriam podido fazer isso de maneira tão precisa sem as instituições religiosas que nessa crise deram não só uma resposta sanitária, financeira, psicológica, mas souberam olhar para as necessidades espirituais de uma comunidade e estão respondendo 100% a todas as frentes. No entanto, quantas dessas instituições religiosas, mesmo respondendo aos necessitados de uma mesma comunidade, estão trabalhando juntas? Muito poucas e não porque faltem as necessidades, ou a eficiência, ou o conhecimento. Às vezes, tenho a suspeita de que na verdade estamos tentando salvar nossas instituições, e colaborar nesse tempo complexo requer ainda mais esforço e empenho porque é mais simples se preocupar com a santidade e coesão dos nossos grupos que nos abrir a um comprometimento universal e a Covid nos obriga a fazer diferente. Quisemos deixar um fundo humanitário multirreligioso justamente para mostrar que responder juntos a uma necessidade é construir o futuro comum com intencionalidade e vontade e os resultados são e serão abundantes: sabemos pela nossa história e queremos continuar mostrando o quanto é frutuosa a colaboração inter-religiosa.

Quais desafios Religions for Peace está enfrentando?

Acho que os desafios de Religions for Peace são os mesmos de todas as instituições, não só religiosas, mas políticas, institucionais, judiciárias e financeiras em termos de confiança, eficiência, legitimidade, competências. Na minha opinião, as instituições religiosas estão sofrendo com essas crises há muito tempo e as instituições civis sofrem há ainda mais tempo. Volto novamente à pandemia. Os bloqueios e fechamentos criaram um breakdown institucional nas nossas comunidades. Vocês entendem bem

o que quer dizer não poder mais nos reunir, que é um dos propósitos básicos e fundamentais das nossas experiências e, ao invés, esses propósitos estão ameaçados com as igrejas, templos, mesquitas e sinagogas que acolhiam milhares ou centenas de centenas de pessoas e agora devem se limitar a 50 ou a poucas dezenas. A falta de se reunir, portanto, requer uma reestruturação também do nosso serviço religioso e, de fato, mudamos isso, mas quanto está incidindo na prática religiosa? Também quem dirige essas comunidades, e não só os membros, deve reconfigurar seu papel e o modo de atuá-lo no mundo. Por isso, se já estou lutando para sobreviver como instituição, como posso trabalhar com outros que têm os mesmos problemas em outras partes do mundo? Somos todos desafiados nesse repensar: as Nações Unidas, os governos, e também nós como religiões. E depois, há as ameaças à existência das crenças em países e sociedades em que o autoritarismo não permite as práticas de fé e onde os regimes se sentem ameaçados em sua intrínseca fragilidade por essas vozes que ressoam por direitos humanos, justiça, pluralismo. Para responder a esses desafios, é preciso ter mais colaboração, é preciso ter recursos financeiros e ousar dizer que também seria bom ter mais consciência política do papel social das colaborações multirreligiosas que seriam sustentadas também economicamente porque são espaços de serviço, de encontro, de recursos únicos para o crescimento de uma sociedade. E, em vez disso, vejo que as crenças são muitas vezes marginalizadas e depois se juntam-se nos trabalhos são majoritariamente as últimas nas perspectivas dos governos.

A senhora citou antes a colaboração como um pilar de base da experiência inter-religiosa. Sabemos que entre Religions for Peace e o Movimento dos Focolares há uma colaboração de longa data. Como continuar e implementar esse trabalho comum?

É uma colaboração de longa data, nascida em 1982 e que viu em Chiara Lubich uma das presidentes honorárias de Religions for Peace desde 1994 e agora também Maria Voce continua a ser desde 2013 um dos nossos copresidentes. Eu me comprometi, no começo do meu mandato, a honrar todos aqueles que me precederam e que permitiram que Religions for Peace fosse o que é e, portanto, também Chiara. Devo encontrar um espaço, também no nosso site, para falar sobre essa amizade. O que mais me toca da nossa ligação, seja no passado seja agora, é que nossa colaboração foi vital, viva, feita de pessoas. É fruto dessa herança se até hoje a comunicação de Religions for Peace é feita por uma pessoa do Movimento dos Focolares e no decorrer dos anos, muitos desse movimento serviram



o nosso nos modos mais variados. E a Rissho Koseikai fez o mesmo. Muitas colaborações inter-religiosas em grau de compartilhar recursos humanos, imagens do divino vivo que honram com a sua presença o espaço sagrado do diálogo são para mim um sinal da reciprocidade para com Deus porque por meio desse trabalho comum no diálogo inter-religioso o estamos servindo, mostrando a todos a beleza de nos ter criado de tantas religiões.

Como imagina o futuro para Religions for Peace?

Imagino sob a bandeira do multilateralismo. Assim como as Nações Unidas são o multilateralismo dos jovens, vejo o nosso movimento como o multilateralismo das religiões. No fundo, nós nos empenhamos como seres humanos a nível micro e macro em preservar a diversidade que o Criador quis em salvá-la para todos, inclusive as instituições. Imagino o benefício que as instituições poderiam ter com essa visão e o nosso trabalho e, se colaborarmos juntamente, ambas florescerão. Se as instituições políticas estiverem focadas em salvar a si mesmas, se as entidades religiosas estiverem interessadas em salvar a si mesmas, isso levará à destruição não só dos nossos grupos, mas do planeta inteiro. E, ao invés, o papa mesmo, primeiro com a Laudato Si e agora com a sua encíclica, nascida daquele documento comum com o líder máximo sunita nos chama, é um chamado comum a proteger a Terra, mas sobretudo à fraternidade humana, inclusive de todas as religiões. Nós apoiamos essa encíclica e esse chamado à fraternidade não exclui ninguém, nem quem não tem uma fé e lutaremos para que seja realmente um patrimônio de todas as religiões.

*Por Maddalena Maltese
24 novembro 2020*



Brasil: uma exposição sobre Chiara Lubich através das mídias sociais

Planejada como um dos eventos pelo Centenário de Chiara Lubich, foi suspensa por causa da pandemia e os fundos coletados, doados para beneficência. Agora chega às mídias sociais dos Focolares no Brasil com os mesmos conteúdos e novas linguagens.

Uma exposição prevista para agosto de 2020, depois adiada para novembro e enfim aportada na web. Um itinerário laborioso para este evento dedicado a Chiara Lubich por ocasião do Centenário do seu nascimento e hoje disponível através dos perfis sociais de @focolaresbrasil (Facebook, Instagram e Youtube): fotos, vídeos e conteúdos em textos serão publicados diariamente durante todo o mês de novembro de 2020. Uma exposição diferente da prevista, com um público ampliado graças à web, enriquecida pela contribuição de uma equipe intergeracional. Falamos sobre isso com José Portella, um dos organizadores da exposição.

Como nasceu a ideia de substituir a exposição presencial por uma virtual? Quem fez parte da equipe de realização e como vocês trabalharam?

Somos um time de dezesseis pessoas do Movimento dos Focolares, de diferentes idades e vocações: jovens e adultos, voluntários e focolarinos. Desde o início de 2019 trabalhávamos juntos para apresentar no Brasil uma versão reduzida da exposição montada nas Galerias de Trento na Itália. Depois, chegou a pandemia. Em maio de 2020, percebemos a gravidade da situação, entendemos que podíamos “celebrar” o Centenário ajudando os necessitados atingidos pela pandemia. De acordo com as pessoas que já tinham feito doações para a exposição, doamos todo o recebido a quem



estava em mais dificuldades. Foi então que soubemos que para a exposição de Trento se estava preparando um percurso online. Mas a simples tradução não bastava para atingir a realidade brasileira. Por que não fazer algo virtual específico para o nosso país? Com alguns especialistas das novas gerações, que se uniram à equipe, nos dividimos em três grupos para adaptar o material expositivo de Trento, preparar vídeos, avaliar as exigências financeiras. Uma experiência de unidade entre gerações. A dificuldade principal foi manter a narrativa da exposição de Trento, mas com uma abordagem brasileira e uma linguagem adequada às mídias sociais.

Quais são as características do percurso que vocês reservaram aos visitantes virtuais?

Existem quatro vídeos promocionais e um vídeo para o lançamento da Exposição. Depois, se apresenta Chiara Lubich e o seu carisma segundo três temáticas: ser com a história da Lubich; influir com

o testemunho das pessoas que conheceram e que vivem a espiritualidade da unidade; agir com todas as realidades que nasceram através do seu carisma.

O que, na opinião de vocês, Chiara Lubich tem a dizer ao Brasil de hoje, inclusive no momento particular de pandemia que estamos vivendo em nível planetário? Chiara Lubich, durante uma viagem ao Brasil em 1991, diante da desigualdade que observava, intuiu a Economia de Comunhão e afirmou que o Movimento no Brasil é chamado a agir sobre a comunhão dos bens em nível global. Hoje, no contexto da

pandemia, encarnar este carisma significa cuidar do outro, compartilhar não apenas bens materiais, mas dedicar a própria vida a serviço dos outros, não se perguntar quem é o meu próximo, mas de quem sou eu o próximo. Em sintonia com a Encíclica do Papa Francisco “Fratelli tutti” somos chamados como povo a agir em fraternidade, seguindo o exemplo do bom samaritano. Só então emergirão homens novos para construir uma sociedade mais inclusiva e fraterna.

Anna Lisa Innocenti
18 novembro 2020

Evangelho vivido: **ser instrumentos de consolação**

Um casamento salvo

Uma de nossas filhas estava passando por um momento extremamente delicado em sua vida de casal. A última vez que falei com ela ao telefone, confidenciou-se que já havia perdido toda a esperança de salvar o casamento. A única coisa a fazer, disse ela chorando, era divorciar-se. Meu marido e eu sempre ficamos impressionados com a promessa que Jesus fez aos discípulos: “Se dois de vocês na Terra concordarem em pedir qualquer coisa, meu Pai do céu lhes concederá”. Com esta confiança, prometi à nossa filha que, junto com seus outros cinco irmãos, rezaríamos pela reconciliação. Pouco tempo depois, ela me chamou muito mais tranquila e quase incrédula: depois de muita reflexão, seu marido concordou em fazer uma entrevista com aqueles que poderiam ajudá-los a resolver seus problemas. Na verdade, eles se reconciliaram. E não foi apenas isso: depois de alguns anos, nosso genro mostrou-lhe seu desejo de se tornar parte da Igreja Católica. Foi por isso que ele pediu que ela o acompanhasse a um padre para iniciar a preparação necessária.

(G. B. – E.U.A.)



*(extraído de Il Vangelo del Giorno, Città Nuova, ano VI, n.6,
novembro-dezembro 2020) 20 novembro 2020*



A dor dos Focolares por um caso de abusos na França

Maria Voce: “Imensa dor e colaboração incondicional do Movimento para que seja feito um total esclarecimento; criação de um órgão independente de investigação após encontro com algumas vítimas de um ex-membro consagrado dos Focolares”.

“Diante dessa imensa dor, estamos convencidos de que o único caminho a seguir é oferecer às vítimas uma plena escuta e reconhecimento dos danos sofridos. Por isso, quero reiterar a plena e incondicionada colaboração do Movimento, para que seja feito um total esclarecimento sobre os fatos e justiça às vítimas”.

Estas são as palavras de Maria Voce, Presidente do Movimento dos Focolares, em um comunicado à imprensa de 22 de outubro de 2020 sobre o caso de violência em crianças e adolescentes por parte de J.M.M., ex-membro consagrado dos Focolares, residente na França.

Uma vítima tornou público o seu caso, ocorrido em 1981 e 1982 quando – com quinze anos – foi assediada sexualmente.

Está sendo criado um órgão independente por meio

do qual o Movimento dos Focolares decidiu iniciar uma investigação extraordinária, após o encontro com algumas vítimas no dia 18 de setembro de 2020. Naquela ocasião, o Copresidente do Movimento dos Focolares, Jesús Morán, expressou a dor e a vergonha pelos abusos cometidos por J.M.M. “bem como pelo silêncio ou a falta de providências mantidos durante anos por parte dos diversos responsáveis”.

Em breve será anunciada a composição deste órgão independente, que terá a função de ouvir as supostas vítimas, recolher novos depoimentos e apurar eventuais omissões, encobrimentos ou silêncios por parte de dirigentes do Movimento. Na conclusão das investigações, o órgão independente tornará público seu relatório final.

A fim de permitir o completo desenvolvimento das investigações e garantir a sua total transparência, os dois responsáveis dos Focolares na França e o corresponsável do Movimento para a Europa Ocidental apresentaram, no dia 21 de outubro de 2020, as demissões das respectivas funções. A Presidente dos Focolares aceitou as demissões.

Joachim Schwind
22 Outubro 2020



Pedir perdão de todo coração

A presidente e o copresidente do Movimento dos Focolares voltaram a abordar o tema dos abusos sexuais cometidos também por membros consagrados do Movimento e pediram perdão a todas as vítimas. “Devemos fazer de tudo para que traumas desse tipo não aconteçam mais no futuro.”

No domingo passado, 13 de dezembro, às 12h no horário italiano, milhares de pessoas do mundo inteiro estavam conectadas para o Collegamento CH, o habitual encontro por videoconferência que reúne os membros do Movimento dos Focolares há mais de trinta anos. Ao percorrer as etapas e os momentos importantes do ano, Jesús Morán e Maria Voce, copresidente e presidente do Movimento respectivamente, aproveitaram a ocasião para voltar ao tema grave e doloroso dos abusos sexuais de menores, que envolveu também pessoas consagradas do Movimento dos Focolares. Já em março de 2019, Maria Voce havia escrito uma carta a todos os membros do mundo para informar as pessoas do Movimento sobre essa grave chaga.

A seguir está a fala deles durante o Collegamento CH:

Jesús: Sim, infelizmente – como você mesma disse – temos que admitir que este flagelo dos abusos, não apenas abuso de crianças, mas também abuso de autoridade, outros tipos de abuso, também ocorreram entre nós. Neste sentido, gostaríamos de aproveitar a oportunidade deste collegamento mundial para pedir perdão de todo coração, sinceramente, a todas as pessoas que foram vítimas de qualquer forma de abuso. Esta é a primeira coisa que gostaríamos de dizer um ano após essa carta. E como sabemos que isto jamais será suficiente, gostaríamos de reiterar nosso compromisso com o trabalho que estamos fazendo e que queremos fazer cada vez melhor, de forma cada vez mais rigorosa, na prevenção e na formação para que isso não aconteça mais, porque são tão contraditórias àquilo que Chiara nos deu, que realmente não deveriam mais acontecer.

E ainda reiterarmos o acompanhamento às vítimas, que é o mais importante e esperamos fazê-lo cada vez melhor, sempre e de forma mais acurada.

Emmaus: Sem dúvida. Mas parece que é um sofrimento que vivemos juntos, que assumimos todos juntos e que só juntos podemos superá-lo, porque é um grande sofrimento para todos. Lembro que tínhamos escrito naquela carta que cada caso significa para nós uma profunda purificação para o Movimento e assim o consideramos. E a aceitamos – dizíamos – com humildade e com profunda compaixão por aqueles que sofreram traumas indescritíveis até por nossa falta de atenção, e nos comprometamos a orientar ou reorientar a nossa conduta como indivíduos e como Movimento por um empenho cada vez mais consciente e maduro em relação à proteção e bem-estar, especialmente de crianças e adolescentes. Acrescentamos – enfatizamos na mesma carta – que devíamos estar atentos para olhar para além do nosso Movimento, porque queremos contribuir para a fraternidade de todos e, portanto, devemos acolher o grito de dor de todos aqueles que sofrem abusos, em particular de crianças e adolescentes, mas não só, de crianças e adolescentes do mundo. E essa atenção deve nos levar a olhar para todas essas pessoas como para o Esposo que escolhemos, como para Jesus Abandonado. Portanto, nos sentiremos atraídos para consolar essa dor e fazer de tudo para que traumas desse tipo não ocorram mais no futuro.

E isso tanto no que diz respeito aos abusos contra crianças e adolescentes, como a qualquer outro tipo de abuso, mesmo de adultos, incluindo os deficientes, de todos aqueles que sofrem abusos de qualquer espécie nos seus direitos, no seu ser pessoa, na sua dignidade. Devemos sentir-nos atraídos a amá-los e aliviar estas feridas, a responder eventualmente com a nossa atenção e com o nosso amor às vítimas, a todos aqueles que sofrem, e assegurar que estes traumas nunca se repitam.

*Stefania Tanesini
14 dezembro 2020*



Movimento dos focolares recebe prêmio internacional por seu compromisso ambiental

O Movimento dos Focolares recebeu hoje o prêmio internacional “Eu faço a minha parte” da Academia Kronos, pelo seu compromisso em favor do planeta por intermédio de EcoOne, iniciativa ambiental do Movimento. Entre os premiados nesta edição 2020, também o Papa Francisco e, póstumo, o explorador e antropólogo norueguês, Thor Heyerdahl.

Uma antiga fábula africana narra que, durante um incêndio na floresta, um colibri, o menor dos pássaros, voava em direção ao fogo enquanto todos os outros animais fugiam. Quando o leão lhe perguntou o que estava fazendo, o colibri, mostrando uma gota d’água em seu bico, respondeu: “Eu faço a minha parte!”. Foi dessa estória que o prêmio internacional, já na sua quarta edição, tomou o nome, e a Academia Kronos o entrega todo ano, a pessoas, entidades e países que demonstraram ter “feito a sua parte” para proteger o ambiente e o clima terrestre.

Entre os oito premiados neste ano está também EcoOne, a iniciativa internacional do Movimento dos Focolares, promovida por uma rede de professores, acadêmicos, pesquisadores e profissionais que atuam nas ciências ambientais, e se esforçam para enriquecer o próprio conhecimento científico com uma profunda leitura humanística dos problemas ecológicos contemporâneos (www.ecoone.org).

Por causa da pandemia, não foi possível entregar os prêmios, como previsto, na Sala da Promoteca Del Campidoglio de Roma (Itália). A entrega ao Movimento dos Focolares aconteceu hoje, 26 de novembro de 2020, na sede internacional do Movimento, em Rocca di Papa (Roma-Itália), por parte de Vincenzo Avalle, membro da direção nacional da Academia Kronos, acompanhado por Armando Bruni, coordenador da Academia no Centro Itália, e por três guardas ambientais. Em nome do Movimento dos Focolares, o professor Luca Fiorani, presidente de EcoOne, recebeu a escultura de um colibri,

realizada em material metálico reciclado, do artista Renato Mancini, e o diploma de conferência do prêmio.

“Este prêmio deseja dar um estímulo, uma motivação a todos os que se comprometem pela proteção ambiental – explicou Vincenzo Avalle -. Tocou-me muito a abrangente atividade do Movimento dos Focolares pelo ambiente, como se manifesta em EcoOne, apoiada pela ciência e pela interação com a política”.

“Vejo uma grande sinergia entre nós, Academia Kronos e Movimento dos Focolares/EcoOne – explicou Fiorani ao receber o prêmio – porque somos complementares: Kronos parte da ação, EcoOne parte da reflexão. Precisamos uns dos outros. Enquanto Movimento dos Focolares podemos contribuir em diferentes âmbitos de aprofundamento cultural. Salientamos a economia e a política, que são decisivos para o ambiente. E podemos oferecer inclusive a nossa dimensão internacional”. “Vejo – acrescentou – uma possibilidade de cooperação, de sinergia muito forte. Existe uma galáxia de entidades que trabalham pelo ambiente. Penso que chegou o momento no qual todas essas organizações devem colaborar”.

A Academia Kronos (www.accademiakronos.it) é a continuação e herdeira espiritual de uma das primeiras organizações ambientais, a “Kronos 1991”. Com cerca de 10 mil sócios na Itália, e sedes e referências internacionais, trabalha pela defesa do ambiente e da qualidade de vida. Em colaboração com institutos científicos e universidades, Kronos oferece um curso de graduação em “Educador e Divulgador ambiental”, e dois cursos de mestrado em “Saúde e Ambiente”, e apoia um corpo de vigilância para a prevenção e a informação ambiental. Mas, principalmente, convida as pessoas, no mundo inteiro, a “fazerem a própria parte” para salvaguardar o ambiente.

*Joachim Schwind
26 novembro 2020*



Palavras de Vida para 2021

Janeiro:

“Permanecei no meu amor e produzireis muitos frutos.” (Cf. Jo 15,5-9)

Fevereiro:

“Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6,36)

Março:

“Faz-me conhecer, Senhor, os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas.” (Sl 25[24],4)

Abril:

“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá sua vida pelas ovelhas.” (Jo 10,11)

Maiο:

“Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele.” (1Jo 4,16)

Junho:

“Nem todo o que me diz: ‘Senhor! Senhor!’, entrará no Reino dos Céus, mas só aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” (Mt 7,21)

Julho:

“Coragem, filha! Tua fé te salvou.” (Mt 9,22)

Agosto:

“Quem se fizer pequeno como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus.” (Mt 18,4)

Setembro:

“Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos, o servo de todos!” (Mc 9,35)

Outubro:

“Sabemos que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus.” (Rm 8,28)

Novembro:

“Bem-aventurados os que promovem a paz, pois eles serão chamados filhos de Deus.” (Mt 5,9)

Dezembro:

“Bem-aventurada aquela que acreditou, porque se cumprirá o que lhe foi dito da parte do Senhor.” (Lc 1,45)



Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:

29 de Outubro de 2020

Nicolino Sias - focolarino casado da Itália

31 de Outubro de 2020

Joseph Heugens - focolarino casado da Bélgica

03 de Novembro de 2020

Vincenzo Chiarle - sacerdote focolarino da Itália

03 de Novembro de 2020

Jean-Pierre Prodan - focolarino da França

06 de Novembro de 2020

Frédéric (Fredí) Assouad - focolarino casado da Líbano

06 de Novembro de 2020

Maria Carmen Soto Escario - focolarina da Espanha

20 de Novembro de 2020

Guido Bonino - sacerdote focolarino da Itália

21 de Novembro de 2020

Gianfranco Manganella - focolarino casado da Itália

21 de Novembro de 2020

Ercílio Arcanjo Da Silva - sacerdote focolarino do Brasil

24 de Novembro de 2020

Pio Pellegrini - sacerdote focolarino da Itália

24 de Novembro de 2020

Lino Richter - focolarino casado da Itália

24 de Novembro de 2020

Karl-Heinz Grimm - sacerdote focolarino da Alemanha

25 de Novembro de 2020

Fabio Fiorelli - focolarino da Albânia

29 de Novembro de 2020

Nella Marinaio Pasquariello - focolarina casada da Itália

29 de Novembro de 2020

Mauro Nirani - focolarino da Itália

04 de Dezembro de 2020

Stefano Landonio - sacerdote focolarino da Itália

04 de Dezembro de 2020

Siegfried Hitzler - focolarino da Alemanha

07 de Dezembro de 2020

Sandro Corti - focolarino casado da Itália

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores, este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes publicados na seção "Mariápolis" do site internacional do Movimento dos Focolares (www.focolare.org/mariapoli).

Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail ativando a respectiva notificação.

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.*

A redação

A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis

Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi

IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921

BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados